

## Lavoura Arcaica: pletora de mitos

Prof. Dr. Wagner Martins Madeira (UPM)

### **Resumo:**

*A leitura de Lavoura Arcaica, de Raduan Nassar, numa perspectiva mitocrítica, é uma experiência desafiadora. O romance revela uma exuberância de mitos, desde os mais primitivos, associados à sexualidade, que povoam a história humana: ameaça de castração, cena primária, perversão polimorfa, interdição do incesto, assassinato do pai da horda primitiva, etc., passando pela tradição mediterrânea de um eterno retorno, do ciclo fechado terra-trigo-pão-mesa-família-terra, até desembocar em questões religiosas arquetípicas, como a paródia à parábola bíblica da volta do filho pródigo.*

**Palavras-chave:** *Lavoura Arcaica, romance brasileiro, mitopoesia, tabu, incesto.*

*“As obras individuais são todas mitos em potência, mas é sua adoção sob a forma coletiva que atualiza, se der o caso, o seu mitismo”.*

*laude Levi-Strauss*

A leitura de *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar, numa perspectiva mitocrítica, é uma experiência desafiadora. O romance revela uma exuberância de mitos, desde os mais primitivos, associados à sexualidade, que povoam a história humana: ameaça de castração, cena primária, perversão polimorfa, interdição do incesto, assassinato do pai da horda primitiva, etc., passando pela tradição mediterrânea de um eterno retorno, do ciclo fechado terra-trigo-pão-mesa-família-terra, até desembocar em questões religiosas arquetípicas, como a paródia à parábola bíblica da volta do filho pródigo.

A trajetória do narrador-protagonista André descortina dois mundos absolutamente distintos: um arcaico, o da família patriarcal, com seus interditos imemoriais que passam de geração a geração; e um outro inusitado que o personagem André quer a todo custo tornar viável, em que o desejo se quer manifesto, sem peias, sem impedimentos. Os dois mundos de André são incompatíveis e irreconciliáveis. Ambos estão no domínio do mito e são concretizados na dimensão da linguagem metafórica, que os presentifica no ato da enunciação. Segundo Ernst Cassirer, “a metáfora é o vínculo intelectual entre a linguagem e o mito” (CASSIRER, 1972, p.102). Parentes próximos, permitem compreender o espectro de atuação do personagem André e o que deseja alcançar.

O discurso de André é dramático. Assim o é o mundo do mito, exposto a “ações, forças e poderes conflitantes. Em todo fenômeno da natureza nada mais vê que o embate destes poderes”, como esclarece Cassirer (CASSIRER, 1972, p. 128). A negação dos mitos arcaicos tem como contrapartida, por André, o projeto de afirmação de mitos fundadores de uma civilização *sui generis* em que interdições como o incesto não teriam vez. O ato extensivo de leitura do romance põe de manifesto o delírio de André, de questionar costumes construídos por milhares de anos, passo a passo argamassados pela mensagem religiosa e familiar, afiançando que a sua crença individual edificará uma outra cultura, livre de repressões morais e sexuais. Desse modo, mitos primevos cedem vez a mitos insólitos, que encontram voz na disposição solitária do protagonista.

O percurso de análise restringe-se ao crucial capítulo 20, não só por ser o maior e ocupar cerca de um quinto do romance, mas por permitir o cotejo dialético dos mitos velhos e novos no dilacerante solilóquio de André. Um capítulo em que a temática do incesto assume proporções insuspeitadas e, de quebra, se revela de voltagem dramática inigualada em toda a história da

literatura brasileira. Cumpre lembrar, a propósito, de Roland Barthes, que afirma: “O mito é uma fala” (BARTHES, 1982, p.131). No seu longo discurso, na sua mitopoese, André concebe o mito de uma relação amorosa entre irmãos ser passível de aceitação pela sociedade. Ele e Ana estão na capela da fazenda. Os dois haviam deixado a casa velha, cenário onde a pouco se consumara o incesto. Ana fugira dele, acende velas, buscando a remissão para seu cometimento no refrigério da religião ancestral. Contrita, reza quieta, mas sofregamente. André, na sua profana litania, desfia um interminável rol de argumentos (mais de trinta páginas!) para convencê-la da viabilidade da relação dos dois. É um momento decisivo do romance, dada a originalidade da tese defendida. A tarefa de André se mostra sobre-humana, ao enfrentar milhares de anos de civilização que desde sempre puniu o incesto e ao tentar erigir em seu lugar uma outra cultura livre do interdito.

André usa do discurso direto: “te amo Ana” “te amo Ana” “te amo Ana” (NASSAR, 1989, p. 119). A reiteração reforça o sentimento que se quer demonstrado, mas não é o bastante para tirar a irmã de seu mutismo. André percebe que terá que ir além, “falar-lhe com a razão” (NASSAR, 1989, p. 119), para a conversão do credo de Ana. A retórica do protagonista repete por seis vezes o “milagre” que circunstancia a relação dos dois: “mesmo tronco”, “continuar a infância comum”, “confirmando a palavra do pai de que a felicidade só pode ser encontrada no seio da família”, “arranjo do destino”, etc (NASSAR, 1989, p. 120). Percebe-se o tom paródico do discurso de André, em que subjaz a ironia, ao retomar literalmente, só que de maneira invertida, os ensinamentos do pai em relação aos sentimentos e costumes intrafamiliares.

O discurso prossegue na linha da ética do trabalho, o que igualmente soa irônico para um personagem tão afeito ao “princípio do prazer” e não ao “princípio de realidade” (MARCUSE, 1978, passim). Na lógica transmutada de André, cabe “seguir o pai para o trabalho, arar a terra e semear, acompanhar a brotação e o crescimento, participar das apreensões de nossa lavoura” (p. 120-121). André defende que terá “o vigor pra qualquer cultura” (NASSAR, 1989, p. 121), seja no plantio ou com os animais. O personagem faz um longo inventário da fauna da fazenda que estará sob os seus cuidados, com “alma de pastor” (NASSAR, 1989, p. 122). Saberá também fazer valer o “veio sisudo de marceneiro” (NASSAR, 1989, p. 123) para consertar o que for preciso na propriedade. Resume suas habilidades: “não há tarefa na fazenda que não possa me ocupar à luz do dia” (NASSAR, 1989, p. 124). Seu projeto não lhe é absurdo, muito menos inexecutável: “vou participar do sentimento sublime de que ajudei também com minhas próprias mãos a prover a mesa da família” (NASSAR, 1989, p. 125). Será “zeloso” (NASSAR, 1989, p. 125) no cumprimento das tarefas, mas para tanto quer a “recompensa”, que explicita: “preciso estar certo de poder apaziguar a minha fome neste pasto exótico, preciso do teu amor, querida irmã, e sei que não exorbito, é justo o que te peço, é a parte que me compete, o quinhão que me cabe, a ração a que tenho direito” (NASSAR, 1989, p. 125-126). O trecho anterior, a contrapelo do projeto novo de humanidade nele imbuído, trai no seu léxico a condição animal de André, sua alteridade. É o fecho em chave passional de um discurso inicial entre aspas, de seis páginas ininterruptas, sem pontos e sem parágrafos, pautado por inúmeras vírgulas, literalmente de perder o fôlego, sobretudo pelo seu arcabouço mítico-religioso-cultural, que tem a pretensão de subverter referências arraigadas de toda uma civilização em prol do convencimento de sua interlocutora da viabilidade da relação entre irmãos.

A letargia de Ana continua, o que impele o incansável André a retomar o discurso direto, munido agora de outros argumentos, mas sem deixar de lado a “paciência” e a “razão” (NASSAR, 1989, p. 126), valores herdados do pai que André de novo matreiramente altera ao usá-los em outro contexto. Aqui seria pertinente retomar uma formulação de Barthes: “Qual é a função específica do mito? Transformar um sentido em forma. Isto é, o mito é sempre um roubo de linguagem” (BARTHES, 1982, p. 152). É o que faz André, se apropria da linguagem do pai mítico, elo hodierno do patriarca primitivo, mas a inverte, pois é “o filho arredio, o eterno convalescente, aquele sobre o qual pesa na família a suspeita de ser um fruto diferente” (NASSAR, 1989, p. 126). Em termos bíblicos, não o “filho-pródigo” e sim a “ovelha-desgarrada”. Por conseguinte, um jovem que aspira

a uma outra condição, a seu modo, à sua lógica, que quer “estar bem com cada irmão” (NASSAR, 1989, p. 127), não se eximindo de enunciar os lugares-comuns sobre o tempo ao se dirigir ao “vizinho da campina” e de “cumprimentar” (NASSAR, 1989, p. 127) aqueles com quem cruza. Nesse particular, não se deve esquecer o que diz Cassirer: “O caráter fundamentalmente social do mito é incontroverso” (CASSIRER, 1977, p. 132). O mitólogo alemão, contudo, adverte: “uma só coisa tabu pode infectar o universo inteiro. Não há sombra sequer de responsabilidade individual neste sistema” (CASSIRER, 1977, p. 169).

A mitopoesia de André, na prática, porém, ignora advertências como essas e prossegue sua quimera, enumerando anseios: quer ser “afável” com os camponeses (NASSAR, 1989, p. 127); fazer da conversa com o pai um instante de “comunhão” (NASSAR, 1989, p. 128); quer sair das “trevas” (NASSAR, 1989, p. 129) e conquistar seu “pedaço de luz” (NASSAR, 1989, p. 129). André tem noção do tamanho hercúleo da sua tarefa: “já posso sustentar na coluna do braço o universo” (NASSAR, 1989, p. 129). Empreitada tão descomunal só é possível caso alcance a cumplicidade de Ana: “me dê a tua mão, querida irmã, tantas coisas nos esperam, me estenda a tua mão, é tudo o que te peço, deste teu gesto dependem minhas atitudes, minha conduta, minhas virtudes” (NASSAR, 1989, p. 130). Mais ainda, está alicerçado na correspondência de sentimentos: “Ana, tudo começa no teu amor, ele é o núcleo, ele é a semente, o teu amor pra mim é o princípio do mundo” (NASSAR, 1989, p. 130).

Em resumo, André quer inaugurar um novo entendimento das relações de parentesco, quer dar foros de legalidade ao incesto, que é interdito, que é tabu. Para tanto, precisa eximir a ele e à irmã do sentimento de transgressão. Daí enveredar sua retórica para perguntas que têm como mote a idéia de culpa, dentre elas uma que é epígrafe do romance: “que culpa temos nós dessa planta da infância, de sua sedução, de seu viço e constância?” (NASSAR, 1989, p. 130). São versos de Jorge de Lima, o que se revela uma escolha certa de Nassar, que ressoa em todo o romance, pois ambos literatos se situam no mesmo espectro poético – neo-barroco – na contramão do discurso sintético e racionalista augurado pelo Modernismo brasileiro. Cumpre destacar que a metáfora em questão resume o drama de André, exposto que é a dilemas edipianos, parricidas e incestuosos, desde a primeira infância expressos na ternura e afeto da mãe em contraposição à severidade e frieza do pai. Em vista de seu procedimento existencial, pode-se dizer que André olvida um princípio norteador do tabu, mencionado por Cassirer: “falando de modo geral, o significado de um tabu pode ser descrito como uma espécie de *Noli me tangere* – é o intocável, uma coisa, da qual, nem de perto, devemos nos aproximar” (CASSIRER, 1977, p. 171).

O longo discurso de convencimento arquitetado pelo protagonista prossegue em tom de súplica solidária: “querida irmã, me ajude para que eu possa te ajudar, é a mesma ajuda a que eu posso levar a você e aquela que você pode trazer a mim” (NASSAR, 1989, p. 131). É sabido que o mito para se estabelecer precisa de um ato de linguagem, uma fala. Assim, André cobra um retorno de Ana: “me responda alguma coisa, me diga uma palavra, uma única palavra” (NASSAR, 1989, p. 131). Contudo, o silêncio de Ana é inquebrantável: “eu pedi suplicando, mas Ana não me ouvia, estava clara a inutilidade de tudo o que eu dizia” (NASSAR, 1989, p. 131). Ele quer a solidariedade da irmã, mas estão irremediavelmente em campos opostos, como denuncia a ambiência de seus rostos, o dele nas “sombras” (NASSAR, 1989, p. 131) e o dela “iluminado pela luz das velas” (NASSAR, 1989, p. 131). Heresia e devoção.

A falta de resposta da irmã faz com que André eleve o tom de desamparo em discurso direto reiterativo: “tenha pena de mim, Ana, tenha pena de mim enquanto é tempo” (NASSAR, 1989, p. 132). Ato contínuo, André acentua seu clamor e acena politicamente com a cumplicidade do segredo: “estou implorando, Ana, e te lembro que a família pode ser poupada” (NASSAR, 1989, p. 133). O personagem reforça a mensagem de persuasão ao prosseguir na linha da lógica patriarcal invertida para que haja a aceitação tácita da relação interdita: “o equilíbrio, de que fala o pai, vale para tudo, nunca foi sabedoria exceder-se na virtude” (NASSAR, 1989, p. 133).

Ana não responde. André, por sua vez, renova a busca, o que seria uma saída para um “conflito” que se afigura insolúvel, propondo para a irmã o uso de “máscaras” (NASSAR, 1989, p. 135), aludindo com isso que as relações são marcadas pela hipocrisia e que os irmãos, cúmplices, tudo podem no enfrentamento do jogo do teatro em sociedade. O pragmatismo dele quanto ao incesto vai mais além, chegando a dispensar as meias-tintas: “de minha parte, abro mão inclusive dos filhos que teríamos, mas, na casa velha, quero gozar em dobro as delícias deste amor clandestino” (NASSAR, 1989, p. 135). A frase, escandalosa pela mensagem lancinante que traz, na afirmação dos direitos da libido a qualquer custo, encerra mais um bloco do discurso direto de André.

O protagonista da mitopoese novamente não encontra resposta de Ana. O discurso dele, então, se inflama, vai a galope, montado em metáforas eqüestres, disparado muito a propósito em “patas sagitárias, que denunciam a dualidade desde sempre presente no âmbito familiar: “o pai, no seu gesto austero, quis fazer da casa um templo, a mãe, transbordando no seu afeto, só conseguiu fazer dela uma casa de perdição” (NASSAR, 1989, p. 136). O sacrílego e o devoto se fundem nas imagens, que jorram caudalosas de poesia:

Vasculhando os oratórios em busca da carne e do sangue, mergulhando a hóstia anêmica no cálice do meu vinho” (p. 136), “imprimindo o meu dígito na castidade deste pergaminho, perseguindo nos nichos a lascívia dos santos (que recato nesta virgem com faces de carmim! que bicadas no meu fígado!) (NASSAR, 1989, p. 136-137).

Aqui, um parêntese para a explicação do recurso do parêntese em *Lavoura Arcaica*: é a forma fechada que denuncia os interditos no espaço familiar, não por acaso em capítulos inteiros como o décimo e o décimo-segundo, a comprovar de maneira singela e lapidar o isomorfismo da prosa de Nassar.

Exacerbado cada vez mais, o discurso de André assume a condição demoníaca, que é “chaga”, que é “cancro”, que é “ferida”, que é “intumescência”, que é “purulência”, que é “delírio” (NASSAR, 1989, p. 137). Nessa exasperação crescente, em contraponto à situação discursiva – ambiente da capela e reza de Ana – que pediria recato espiritual, André defende as prerrogativas dos direitos da carne, do “falo soberbo” que almeja a “flora meiga do púbis” (NASSAR, 1989, p. 137). A resposta de Ana é ainda uma vez mais a impassibilidade. Não há como conciliar o diabólico de um e a “santidade” (NASSAR, 1989, p. 138) da outra. A situação dos dois resulta em aporia, impasse insanável. Ana, na sua gritante elipse discursiva, nos diz tanto quanto ou mais que a verborragia de André. Além da consciência da interdição do incesto, a personagem se revela paradigmática da condição ancestral da mulher, reprimida desde sempre em sociedades patriarcais. E aqui Ana não está sozinha em *Lavoura Arcaica*, as mulheres, mãe e irmãs, nunca têm voz no romance, ao contrário dos homens, irmãos e pai. Nesse universo cultural, não ter voz implica em completo desamparo. Tê-la redonda em poder irrestrito e discricionário, pôr e dispor, inclusive do direito à vida do outro. Não é à toa, por isso, que no final trágico da narrativa não será André o punido com a morte, mas Ana, emblematicamente pelo pai, o patriarca, conservador dos valores da família desde tempos remotos.

Retomando o percurso do capítulo 20, a repisada omissão de Ana faz com que as imagens cunhadas por André, em retomada do discurso direto, remetam novamente à sua condição satânica:

“sei como alterar o enxofre com a virtude das serpentes, e, na caldeira, sei como dar à fumaça que sobe da borbulha a frieza da cerração nas madrugadas” (NASSAR, 1989, p. 138); “dos que cedo ou tarde acabam se ajoelhando no altar escuro do Maligno, deitando antes em sua mesa, piamente, as despojadas oferendas: uma posta de peixe alva e fria, as uvas pretas de uma parreira na decrepitude, os algarismos solitários das matemáticas, as cordas mudas de um alaúde” (NASSAR, 1989, p. 139).

As imagens disfóricas, desconcertantes pelos paradoxos que avivam no embate entre o sagrado e o profano, recendem à poesia, de uma beleza grotesca, e são em tudo concernentes a

quem pratica a “missa negra do incesto”, como primorosamente definiu Leyla Perrone-Moisés a trajetória do subversivo protagonista (PERRONE-MOISÉS, 1996, p. 63). O terreno está preparado para o assalto final, o clímax discursivo se avizinha, contundente e assim expresso por André: “não passando o teu Deus bondoso (antes discriminador, piolhento e vingativo) de um vassalo, de um subalterno, de um promulgador de tábuas insuficiente, incapaz de perceber que suas leis são a lenha resinosa que alimenta a constância do Fogo Eterno!” (NASSAR, 1989, p. 140). Entremeado ao discurso blasfemo, André roga a Ana: “contenha este incêndio enquanto é tempo” (NASSAR, 1989, p. 140), o que se afigura mera forma de retórica, já que o discurso não se contém e desfere um outro golpe, este sim derradeiro e peremptório pela sua violência: “já sinto ímpetos de empalar teus santos, de varar teus anjos tenros, de dar uma dentada no coração de Cristo!” (NASSAR, 1989, p. 140). O narrador, o mesmo André, só que em discurso indireto, assume a dureza discursiva precedente, sabe que é tal qual o “caldo pardo das urtigas” (p. 140), da “suculência” (NASSAR, 1989, p. 140) do “cactus” (NASSAR, 1989, p. 141) e recebe finalmente a resposta da irmã: “Ana ergueu-se num impulso violento” (NASSAR, 1989, p. 141). O olhar, o mais espiritual dos sentidos, é a expressão que dá voz a Ana, por sua vez captada por André: “nos seus olhos, senti profundamente a irmã amorosa temendo por mim, e sofrendo por mim, e chorando por mim” (NASSAR, 1989, p. 141).

Um André exausto, após tamanha maratona discursiva que contestou toda uma tradição cultural, emite a súplica final: “estou morrendo, Ana” (NASSAR, 1989, p. 141). Reitera a mensagem, “mas Ana já não estava mais na capela” (NASSAR, 1989, p. 142). A ausência da irmã, a não aceitação do discurso que lhe foi endereçado, equivale a uma morte simbólica de André, pois, como esclarece Barthes, “toda a recusa da linguagem é uma morte” (BARTHES, 1982, p. 173).

André é o demiurgo que propõe pela fala uma ontogênese. Tenta utopicamente erigir um mundo baseado em novos valores, afrontando tabus, uma filogênese ancestralmente construída pelo homem. Solitário, o herói fracassa, pois o mito é a afirmação de uma crença de expressão coletiva. Não obstante, a *hybris* do personagem reverbera esperança, pela idéia de busca que dissemina, uma metáfora pungente da eterna condição humana. Assim, a seu modo, mitopoeticamente, a criatura André desdiz seu criador Raduan Nassar, que desenganado declara o homem sem conserto, “uma obra acabada”.

## **Referências Bibliográficas:**

- BARTHES, Roland. *Mitologias*. Trad. de Rita Buongiorno e Pedro de Souza. 5 ed., São Paulo: Difel, 1982.
- BRUNEL, Pierre. *Dicionário de mitos literários*. Trad. Carlos Sussekund. Rio de Janeiro, José Olympio, 1997.
- CASSIRER, Ernst. *Linguagem e Mito*. Trad. J. Guinsburg & Miriam Schnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- CASSIRER, Ernst. *Antropologia filosófica – Introdução a uma filosofia da cultura humana*. Trad. Vicente Felix de Queiroz. 2 ed., São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. Trad. Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Trad. Victor Jabouille. 2 ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.
- MARCUSE, Herbert. *Eros & Civilização – Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Trad. Álvaro Cabral. 7 ed., Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- NASSAR, Raduan. *Lavoura Arcaica*. 3 ed., São Paulo: Cia das Letras, 1989.

**XI Congresso Internacional da ABRALIC**  
***Tessituras, Interações, Convergências***

**13 a 17 de julho de 2008**  
**USP – São Paulo, Brasil**

PERRONE-MOISÉS, Leyla. “Da cólera ao silêncio”. In *Cadernos de Literatura Brasileira - Nº 2-Raduan Nassar*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1996.

**Autor**

**Wagner Martins MADEIRA Prof. Dr.**

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM)

wmmadeira@ig.com.br